



BEETHOVEN NA ESTAÇÃO JÚLIO PRESTES

BEETHOVEN ON JULIO PRESTES STATION

Augusto Rodrigues¹

Outro dia estava na fila na Sala São Paulo para comprar ingressos para a Nona Sinfonia de Beethoven. Eram nove horas da manhã. A bilheteria só abria às dez. O que ocorreu durante esse período de espera e logo depois marcaria aquele dia em minha memória.

Os ingressos estavam sendo vendidos para o concerto que aconteceria dois meses depois, conforme a praxe da casa. Inclino a cabeça, estico o pescoço e conto as pessoas à minha frente: doze. Seis senhoras de idade avançada, dois senhores também um tanto idosos, um homem calvo de meia idade, um homem obeso que devia ter os seus cinquenta anos, um adolescente sonolento e uma moça baixa.

As seis senhoras conversavam alegremente entre si sobre casas de concerto na França e na Itália. Os dois senhores não se falavam – provavelmente não se conheciam. O homem calvo lia a *Veja* que tinha retirado de sua pasta de couro preta. O homem obeso lia um caderno da *Folha de São Paulo* que trazia debaixo do braço. O adolescente sonolento permanecia encostado na parede, perto da enorme porta preta, e estava com fones de fios brancos enterrados nos ouvidos – o que estaria ouvindo? A moça baixa olhava impaciente à sua volta e para as pessoas na fila. Apesar da diferença de idade, todos estavam muito bem vestidos.

Era um belo dia: o sol iluminava o céu claro e já começava a esquentar. Embora o movimento na praça em frente à Sala fosse ainda baixo, alguns transeuntes passavam por nós a todo o momento. Alguns até cruzavam pela fila, ao invés de nos contornar e passar um pouco mais atrás. Um deles era um cego negro, muito pobre, que apalpava o chão com uma vareta, talvez ainda novato nesta arte, pois tinha muita dificuldade de andar pela rua.

¹ rodtkebr@yahoo.com



Trombou com uma das senhoras na fila, que ficou horrorizada. O cego então disse: “onde é o metrô?” O homem calvo respondeu, com ar de piedade: “é mais para lá. Aqui é a Sala São Paulo”. Como estávamos todos virados para o outro lado, não tínhamos visto o cego chegando. Depois que passou por nós em direção ao metrô, ia ainda muito rente às paredes da Sala, às vezes esbarrando em suas quinas. Mais lá à frente, vi que um homem que passou por ele, também negro, ofereceu ajuda para conduzi-lo até onde queria ir.

Dois minutos depois, um mendigo, ainda criança, pediu ao homem calvo um real para comprar um café com leite. Esse lhe deu o dinheiro, e voltou a ler sua *Veja*. Um minuto depois, mais dois mendigos infantis, muito sujos e incredivelmente esfarrapados, vieram e pediram dinheiro às senhoras e ao homem calvo. Também para um café com leite. As senhoras negaram e se afastaram, com repulsa e medo. Com o cenho franzido, olharam em direção à unidade comunitária móvel da Polícia Civil estacionada logo ali em frente. O homem calvo deu um real para cada uma das crianças, que lhe agradeceram muito. Após mais alguns instantes, o primeiro menino voltou. Mostrando o copo de café com leite na mão, aproximou-se do homem calvo e disse: “muito obrigado, senhor. Deus te abençoe”. O homem calvo sorriu e não disse nada. O menino foi embora. As senhoras o acompanharam com os olhos.

Sei que este é um concerto muito concorrido, por isso cheguei uma hora antes de a bilheteria abrir, pensei. Os músicos bem que podiam ter uma outra entrada, para não ter de ficar atravessando a fila da bilheteria para entrar e sair da Sala. A maioria deles parece ser loira de olhos claros. Algumas moças com uma expressão eslava, talvez russa.

Enquanto estávamos na fila, os músicos iam chegando para o dia de trabalho. Cada um com um instrumento pendurado nos ombros, dentro dos seus respectivos ‘cases’. Juntamente com o trânsito crescente dos músicos entrando, a fila aumentava atrás de mim: agora eram já dez que também esperavam ansiosos pela abertura da bilheteria, dali a meia hora. Quando estava olhando em direção à Rua Mauá para verificar meu carro ali estacionado, vi uma moça de meia idade, bastante obesa, de repente surgindo entre os mendigos e os músicos com um sorriso efusivo, olhando em direção à fila. Foi recebida logo depois pela moça baixa que estava bem à minha frente. As duas estavam muito alegres e pareciam felizes com o encontro.



Um senhor de mais ou menos 60 anos, que estava logo atrás de mim, pulou à frente, abordou a moça obesa e disse com firmeza: “Se vai comprar ingresso, vá para o fim da fila”. A moça obesa ignorou o senhor, que tinha um forte sotaque alemão, olhos verdes atentos por trás dos óculos, e um corpo esguio ligeiramente arqueado. O homem voltou ao seu lugar. Após cinco minutos, tornou a abordar a moça: “A fila está aumentando lá atrás. Você está perdendo tempo”. A moça então disse: “Eu já tinha avisado ela que chegaria mais tarde. Eu venho de muito longe”. O senhor não se impressionou: “Ah, sim, então eu tenho dez amigos que moram muito longe que vão entrar aqui na fila quando chegarem também, passando na frente de todos esses outras pessoas que chegaram aqui primeira”. Indignado, mas ainda assim contido, entrou na bilheteria e foi falar com alguém. Voltou e se posicionou atrás de mim. Logo depois, saiu da fila novamente e abordou o homem calvo, logo à frente das duas moças. O homem calvo disse: “Volta para o seu lugar, cara, e fica na boa. Olha esse sol e esse céu azul. Não vou deixar você estragar o meu dia”. Tentou ainda reclamar com alguns dos homens mais atrás, que, como a moça obesa, o ignoraram. Viu então que sua indignação não estava sendo compartilhada. Ninguém ali parecia se importar com o fato de aquela moça ter “furado” a fila, nem mesmo os seguranças ou o pessoal da bilheteria.

Faltavam dez minutos para as portas serem abertas. Uma mulher, muito suja e maltrapilha, veio vindo em direção à fila e abordou uma das senhoras, enquanto esta discorria alegremente para as suas interlocutoras sobre os concertos que assistira em Viena, por tantos anos a capital mundial da música: “senhora, dá uma moeda pra mim tomar um café?” A senhora negou e, com ar de repulsa, se encolheu. As outras senhoras olharam em direção do segurança ali na porta, que, para seu desconforto, ria com um dos colegas da limpeza, pelo jeito sem nem tomar conhecimento da aparição dos mendigos. A moradora de rua se afastou, com a raiva, a vergonha e a miséria estampada nos olhos. O homem atrás de mim estava agitado e inconformado, falando com todos os outros na fila, procurando que concordassem com o absurdo que acontecia ali. Alguns também acreditavam que era errado, mas não faziam menção de querer intervir. O homem magro de olhos verdes parecia estar sozinho em sua causa.

Dez horas. A bilheteria abriu, e as pessoas começaram a entrar. Inquieto, ele tirou o celular do bolso e discou o número do Ingresso Rápido, que tinha pedido a alguém atrás

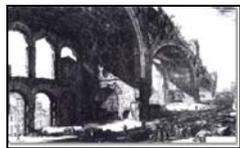


dele. “Sim, estou aqui no fila do Sala São Paulo para comprar entradas para a Nona de Beethoven. Quero saber se pode comprar lá com vocês. Sim, sim, pode ser. Platéia central é bom. Duas ingressos, por favor. Eu tenho *Visa*. Obrigado”. Desligou e foi embora. Quando saiu da fila, todo o pessoal mais à frente, que não tinha ouvido sua conversa como eu ouvi, estava curioso para saber o que havia acontecido com o ‘encrenqueiro’ da fila. “Ele foi embora? Ele desistiu? Tem gente que gosta de criar problema mesmo, não é? Deve ter acordado com o pé esquerdo. Que sujeito mais desagradável. Ele queria era estragar o nosso dia. Sujeito infeliz” – eram os comentários que se ouviam.

A fila andava rápido, já que eram três caixas atendendo lá dentro (segundo especulavam à minha frente). Atrás de mim, já haviam se juntado dezenas de outras pessoas. A fila era grande. O homem esguio tinha de fato desaparecido, mas os olhares de muitos ainda o procuravam aqui e ali. Pareciam ter medo de serem importunados novamente.

É incrível, pensava comigo, enquanto olhava as pessoas entrando, como Beethoven atrai gente, sobretudo com a sua Nona. No dia da sua *première*, sete de maio de 1824, o Kärntnertortheater em Viena estava tão lotado quanto a Sala São Paulo aqui vai estar daqui a dois meses, 183 anos depois. Posso quase ver o Mestre no palco, de costas para o público, sendo chamado pela jovem contralto Caroline Unger para que se virasse, pois a platéia aplaudia com toda a sua força. Como ele não podia ouvir, tinha de *ver* todas aquelas palmas absolutamente encantadas e jubilosas. Como se lê em biografias e histórias da música, os aplausos naquela noite foram estrondosos, e as cinco ovações que o público deu ao Mestre era algo nunca antes visto para alguém que não pertencia à família real e nem mesmo era funcionário do Estado.

Logo depois, Beethoven, muito comovido com a acolhida tão fervorosa da sua sinfonia, foi tratar dos números e então voltou para sua casa na Schwarzspanierstrasse. Após ter tomado conhecimento da quantia irrisória que havia restado para ele depois do pagamento do teatro, dos músicos e de todos os copistas, sua constituição mudou radicalmente. Atirou-se no sofá, onde foi encontrado na manhã seguinte por sua criada, ainda nas roupas do concerto. Uma tristeza por demais profunda. Uma música tão grande que rendera tão pouco.



Passsei a porta de entrada, e agora estava muito próximo dos caixas, atrás somente da moça baixa e da moça obesa, que conversavam sobre uma nova loja de sapatos que havia aberto no bairro em que moravam. Ouvia já no fundo da minha mente os primeiros compassos do Allegro Assai da grande Sinfonia. As duas moças ainda olhavam para trás em busca do homem esguio. De repente, a moça obesa virou-se para mim e perguntou: “Você viu para onde ele foi? Será que ele foi embora?” Eu disse que achava que tinha de fato ido embora. Não o vira mais.

O homem calvo passou diante de nós com seus ingressos, assobiando uma melodia popular. Neste momento, o caixa do lado direito se levantou e veio em nossa direção com uma expressão consternada. Olhando para mim e os outros na fila, ele disse: “Gente, sinto muito, mas os ingressos estão esgotados”. Um instante de silêncio incrédulo se seguiu. Depois de alguns segundos, vieram as reações: “Como? Não pode ser! São dez e quinze! Não é possível”, gritou a moça baixa, indignada. Eu mesmo senti um frio na espinha. Não podia crer no que estava se passando. Como é que os ingressos se esgotaram em apenas quinze minutos?

O homem do caixa agora andava pela fila para explicar o porquê do esgotamento tão imediato das entradas e tentar consolar as pessoas. Afinal de contas, a culpa não era dele, que era um mero funcionário da casa. Ele dizia: “A maior parte dos ingressos está sempre reservada aos assinantes, por isso sobram muito poucos assentos livres, que logo são preenchidos. As vendas por telefone e pela internet começaram também às dez horas, e o número de ligações foi muito grande. Há também outros pontos de venda de ingressos além deste aqui, que também receberam muita gente nestes quinze minutos. Sinto muito”. O homem era amável e percebia a frustração e a indignação no rosto dos desafortunados.

Pois é, pensei novamente, com uma mistura de tristeza e resignação forçada, Beethoven ainda preenche todos os assentos das salas de concerto com sua Nona, mesmo num país tão distante da Europa, tanto tempo depois de sua composição. Um evento imperdível. Um acontecimento na cidade. Algo extraordinário que retira as pessoas de sua rotina de entretenimento fastidiosa e irrelevante, conferindo-lhes nova vida.

A indignação da moça baixa e da moça obesa parecia a mais intensa de todas, afinal de contas foi na vez delas que os ingressos acabaram. Se tivessem chegado à fila meia hora antes... Ainda não podiam crer no que vivenciavam ali, e se deblateravam de forma quase



selvagem com os caixas da bilheteria. “Eu vim de muito longe para isso aqui!” “Você imagina o tempo que perdi e o custo que tive para chegar aqui a esta hora, num dia de semana?”

Mas não havia o que fazer. Todos os assentos estavam ocupados e todos na fila deviam esperar uma próxima vez. Tentei falar algo, mas a voz me faltou.

Enquanto me encaminhava para o carro, de cabeça baixa, pensei no homem calvo e sobretudo no homem alemão, que, diferentemente de nós, compraram seus ingressos e estariam lá dois meses depois para ouvir a grande música de Beethoven.

-- Augusto Rodrigues é tradutor e mestrando em Literatura Alemã (FFLCH – USP). Autor de *English Sonnets and Other Poems* (2006).